

## Sentimentos de profissionais de saúde frente ao atendimento à gestantes com deficiência auditiva

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.005-020>

**Ana Maria Gaboni de Oliveira**

Acadêmica de Enfermagem  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

**Maressa Victória Rodrigues de Paula**

Acadêmica de Enfermagem  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

**Vitória de Castro Novais**

Acadêmica de Enfermagem  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

**Renata Martins da Silva Pereira**

Doutora  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Clarissa Ferreira Pontual de Oliveira**

Mestre  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

**Marcia Figueira Canavez**

Mestre  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

**Odete Alves Palmeira**

Mestre  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

**Marcia Maria Bastos da Silva**

Mestre  
Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA

---

### RESUMO

Esse estudo trata do discurso de profissionais de saúde que atuam na atenção primária sobre o atendimento à mulheres com deficiência auditiva. Teve como objetivos: conhecer sentimentos referidos pelos profissionais de saúde sobre a possibilidade de atender uma gestante com deficiência auditiva e discutir o preparo para esse atendimento ser de qualidade. Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa realizada com 31 profissionais de saúde (enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem e agentes comunitários de saúde) de Unidades Básicas de Saúde (UBS) de um município da região médio-paraíba do estado do Rio de Janeiro. A maioria dos participantes já teve contato com o curso de LIBRAS e um número menor teve experiência em atender gestantes com alguma deficiência auditiva. Os resultados permitiram formular as seguintes categorias: Sentimento de impotência ao atender uma gestante deficiente auditiva, Sentimento de tristeza frente ao cuidado a uma gestante deficiente auditiva e Falta de capacitação para atender uma gestante deficiente auditiva. Conclui-se que os profissionais não se sentem preparados para lidar com esse público, se sentem impotentes e tristes frente ao cuidado com gestantes deficientes auditivas e não se sentem aptos para prestar uma assistência segura e de qualidade.

**Palavras-chave:** Comunicação, Enfermagem, Deficiências da audição.



## 1 INTRODUÇÃO

Garantir a acessibilidade é um dos fatores fundamentais para uma atenção integral à saúde das mulheres com deficiência, assim como para efetivação de seus direitos, cidadania, participação social e independência. Profissionais de saúde devem identificar as diversas barreiras que dificultam ou impedem as mulheres com deficiência e mobilidade reduzida acessarem ações, ofertas e serviços de saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

A linguagem é um dos principais instrumentos de identidade cultural de uma comunidade. Assim, por exemplo, o que identifica a comunidade de surdos é a língua de sinais, conhecida no Brasil como Libras. Essa comunicação é validada e reconhecida em todo território nacional, porém ainda, há baixa inclusão desse conhecimento nos currículos das escolas e cursos do país (NASCIMENTO, 2011).

Para promover condições satisfatórias faz-se necessário a busca por melhorias a fim de criar uma melhor comunicação entre a equipe e esses pacientes, nesse caso é necessário a inclusão de Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio de comunicação social e humanização do atendimento prestado.

A realidade atual dos profissionais da Atenção Básica é muito complexa, pois, de um lado está a intenção em prestar um atendimento igualitário e holístico e do outro a carência de suporte para essa clientela que encontra muita dificuldade em seu atendimento, já que a rede de saúde não conta com um número significativo de intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) que possam auxiliar no ambiente ambulatorial (FERREIRA, *et al*, 2019).

Portanto, devido a necessidade de um intérprete, o profissional de saúde deverá adequar-se realizando cursos para um cuidado mais humanizado e que traga domínio para um melhor atendimento. Ainda vale ressaltar que a comunicação é um dos instrumentos básicos de cuidar da Enfermagem e de outras profissões da área de saúde, sendo também considerada uma competência a ser desenvolvida no pré-natal.

A assistência pré-natal adequada, com a detecção e a intervenção precoce das situações de risco, bem como um sistema ágil de referência hospitalar, além da qualificação da assistência ao parto, são os grandes determinantes dos indicadores de saúde relacionados à mãe e ao bebê que têm o potencial de diminuir as principais causas de mortalidade materna e neonatal (RAMOS *et al*, 2018).

De acordo com Ramos (2018), a assistência pré-natal visa detecção precoce de situações de risco, porém, muitas das vezes as gestantes com deficiência auditiva não possuem instruções adequadas sobre o pré-natal, com isso não buscam regularmente a Unidade Básica de Saúde para consultas de rotina, devido ao despreparo de profissionais, dificultando a compreensão de ambas as partes.

Dessa forma, é importante que o/a profissional de saúde fique atento/a ao cenário que circunda essas vulnerabilidades que aparecem, por exemplo, nas dificuldades enfrentadas pelas mulheres com



deficiência para exercerem sua autonomia na vida cotidiana, nos obstáculos para a vivência de sua sexualidade, da maternidade, na falta de acessibilidade comunicacional e atitudinal nos serviços, no acesso aos dispositivos de tecnologia assistida e equipamentos de saúde e no acesso à escolarização e qualificação profissional formais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Embora existam os Decretos e Leis expostos no ordenamento jurídico brasileiro que determinam a LIBRAS como meio de comunicação e garante aos Surdos a inclusão e atendimento integral nos diversos serviços públicos, tais condutas ainda não se caracterizam como suficientes para extinguir as dificuldades associadas às barreiras de comunicação (FRANCISQUETI, *et al*, 2017).

Isso porque, a ausência de legislação específica sobre a necessidade de intérpretes durante o atendimento à saúde, bem como, da obrigatoriedade de disciplina específica de LIBRAS no processo de formação do profissional da saúde, impede que a referida parcela da população seja contemplada durante graduação e se transforma em barreira a uma assistência de qualidade (FRANCISQUETI, *et al*, 2017).

Estudo realizado no Paraná aponta a importância da utilização da LIBRAS durante o atendimento prestado aos clientes surdos, visando o estabelecimento de uma sociedade mais inclusiva, em que se oferte um atendimento adequado aos surdos assim como para toda a população, os profissionais ainda citam a relevância da unidade de saúde dispor de um profissional capacitado em LIBRAS, como referência aos indivíduos surdos. (FRANCISQUETI, *et al*, 2017)

Os objetivos da pesquisa foram: Conhecer sentimentos referidos pelos profissionais de saúde sobre a possibilidade de atender uma gestante com deficiência auditiva; e discutir a visão de profissionais sobre seu preparo para esse atendimento ser de qualidade.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa realizada com profissionais que compõem a equipe de enfermagem (enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem e agentes comunitários de saúde) de Unidades Básicas de Saúde (UBS) de um município da região médio-paraíba do estado do Rio de Janeiro.

Os profissionais foram convidados a participar da pesquisa que teve como critérios de inclusão: fazer parte da equipe de enfermagem e aceitar participar da pesquisa e como critério de exclusão o profissional estar de férias e/ou licença médica, licença prêmio/maternidade no período da coleta de dados.

Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2023 nas próprias unidades de saúde, mediante aplicação de uma entrevista semi-estruturada gravada, com roteiro de perguntas sobre o tema em questão.

As perguntas da entrevista baseiam-se em estudo realizado no Paraná, com profissionais de enfermagem (FRANCISCHETTI, et al, 2017) onde tem-se como questionamentos: Como você se sente/sentiria ao atender uma gestante surda? O que você acha que poderia melhorar no atendimento oferecido nos serviços de saúde para gestantes surdas?

A análise, constituiu-se de leitura flutuante; constituição do corpus, por meio da busca da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência dos dados elencados. Foi realizada a formulação e reformulação de hipóteses (unidades de registro, de contexto, forma de categorizar) e a fase de organização do material que foi analisado, objetivando sistematizar as ideias e transformá-las em categorias (BARDIN, 2011).

O projeto foi encaminhado ao comitê de ética em pesquisa da UniFOA e aprovado sob Parecer n. 5.877.552, conforme Resolução 466, que trata de pesquisas com seres humanos.

Todos os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias. Com o intuito de garantir o sigilo e confidencialidade dos participantes, os enfermeiros identificados pela letra ``E''; os técnicos de enfermagem pela letra ``T''; os auxiliares de enfermagem pela letra ``A'', e; os agentes comunitários de saúde pela letra ``C'', seguida de um número arábico, conforme a ordem das entrevistas.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com a coleta de dados, realizada em 10 Unidades Básicas de Saúde, no município de Volta Redonda/RJ do Distrito II, sendo um total de 31 profissionais de saúde foi possível caracterizá-los como: 14 agentes comunitários de saúde, sendo 1 homem de 50 anos e 13 mulheres, com idades que variam entre 25 a 50 anos. Outros profissionais abordados na entrevista foram 10 técnicos em enfermagem, sendo 1 homem de 49 anos e 9 mulheres com idade de 23 a 59 anos. Os profissionais restantes participantes da pesquisa foram 7 enfermeiras com idades que variavam entre 23 e 50 anos.

Tabela 1: Características sociodemográficas, categoria profissional dos entrevistados, percentual de profissionais que realizaram curso de Libras, profissionais com experiência em atender gestante deficiente auditiva. Volta Redonda/RJ, 2023.

Variável	N (%)
Entrevistados	31 (100)
Enfermeiros	7 (22,58)
Técnicos em Enfermagem	10 (32,25)
Agentes Comunitários em Saúde	14 (45,16)
Curso básico em libras	
Sim	5 (16,12)
não	26 (83,87)
Experiência em atender gestante deficiente auditiva	
Sim	4 (12,90)
Não	27 (87,09)
Sexo	
Feminino	29 (93,54)
Masculino	2 (6,45)
Idade, anos	
23 - 33	14 (45,16)
34 - 44	7 (22,58)
≥ 45	10 (32,25)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

### 3.1 CATEGORIA 1: SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA AO ATENDER UMA GESTANTE DEFICIENTE AUDITIVA

Nesta primeira categoria fica claro a preocupação da equipe frente a impossibilidade de prestar um cuidado qualificado e eficiente à gestante com deficiência auditiva, na ausência de preparo para atendê-las utilizando a linguagem de LIBRAS. As falas abaixo transmitem tal sentimento:

“(...) sentimento de impotência porque não existe um preparo específico dentro da rede para atender essas pessoas.” (ENF 1)

“É um sentimento de impossibilidade de não poder atender, a dificuldade no atendimento.” (ACS 6)

“(...) me sinto impotente, porque vai dificultar muito para você poder ajudar essa pessoa.” (TEC 9)

“(...) sentimento de impotência, incapacidade em não poder atender da maneira que deveria ser” (TEC 10)

O atendimento à pessoa surda é um desafio para os profissionais da saúde e para o próprio surdo. A ausência de acompanhante é uma barreira para a assistência aos usuários surdos que dificulta e deixa vulneráveis os clientes no momento do atendimento. Deve-se estimular a presença do acompanhante durante as consultas para facilitar a comunicação e o engajamento da cliente no pré-natal (NARCIZO *et. al*, 2022).

Um dos principais objetivos da atenção primária é atribuir a visibilidade social para a construção da inclusão, minimizando preconceitos, garantindo direitos, estabelecendo redes de apoio, criando oportunidades de socialização e assim, propiciando melhoria no acesso ao serviço de saúde. (PEREIRA *et. al*, 2020).

Urge a necessidade de outros meios para se comunicar com esses usuários. As barreiras de comunicação encontradas pelos profissionais de saúde e pacientes surdos, em sua maioria das vezes, são prejudiciais ao diagnóstico e tratamento das doenças desses pacientes. Na assistência em saúde, somente a partir de uma boa comunicação estabelecida, poderão ser identificadas e resolvidas as necessidades dos pacientes de forma humanizada. Para a equipe de enfermagem a comunicação com estes pacientes pode ser prejudicada, no que diz respeito à troca de informações, faltando habilidades em transmitir informações sobre sua saúde e assim prejudicando a confidencialidade da consulta. (NARCIZO *et. al*, 2022).

Apesar da raridade de estudos recentes que descrevem sentimentos negativos dos profissionais de saúde no atendimento à gestante deficiente auditiva, alguns estudos anteriores demonstram as dificuldades dos profissionais de saúde no atendimento ao deficiente auditivo, relatando sua insatisfação e falta de domínio pelos mesmos no atendimento adequado e amplo às mulheres.

É compreensível o sentimento de impotência ao atender uma gestante deficiente auditiva, ainda assim existem outras formas e recursos, como a escrita e uso de materiais ilustrativos, para que suas



necessidades sejam atendidas, permitindo que a gestante se sinta compreendida, acolhida e bem cuidada durante esse período.

### 3.2 CATEGORIA 2: SENTIMENTO DE TRISTEZA FRENTE AO CUIDADO A UMA GESTANTE DEFICIENTE AUDITIVA

Os profissionais de saúde que promovem o cuidado às pessoas em todas as fases de suas vidas, experimentam sentimentos diversos, na maioria das vezes positivos, porém quando não alcançam seus objetivos podem experimentar a tristeza frente a impotência de promover o cuidado de forma efetiva. Foi o que pode ser observado nas falas abaixo, onde os participantes da pesquisa referem tristeza e frustração frente a impossibilidade de prestar um cuidado e comunicação adequados.

“(...) me encontro com sentimento de incapacidade, dificuldade na comunicação” (ENF 2)  
“Eu fico um pouco envergonhada, ainda não aconteceu, mas eu ficaria assim bem desconfortável” (ACS 3)  
“Tristeza, frustração” (TEC 1)  
“Ficaria um pouquinho triste por não saber, eu não sei mesmo falar a linguagem dela, é assim que eu me sentiria, com dificuldade pra tá lidando com ela” (TEC 8)

Existem melhorias no campo de atenção às pessoas com Deficiência auditiva (D.A), porém essas enfrentam vulnerabilidades sociais relacionadas ao baixo nível socioeconômico e de escolaridade, pois lidam com barreiras para o acesso a condições de vida digna e pela busca de assistência em saúde. Ainda, somado a isso, possuem dificuldades para estabelecer uma comunicação efetiva com os profissionais de saúde, sendo que a promoção da inclusão social no atendimento aos surdos pelos profissionais de saúde torna-se elemento prioritário para a qualidade do serviço prestado, considerando-se que a ausência de uma comunicação efetiva não propicia um atendimento humanizado, alinhado aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). (REIS *et. al*, 2020).

Ademais, é através da comunicação que os profissionais compreendem o usuário como um ser holístico e entendem a sua inserção social e a sua visão de mundo, podendo, a partir deste momento, levantar seus anseios e necessidades, desenvolvendo uma assistência adequada, de forma que possam ser minimizados os desconfortos deste processo. (REIS *et. al*, 2020).

Mesmo com a falha na comunicação quando a instituição não possui um intérprete de LIBRAS, os deficientes auditivos procuram meios para tornar essa comunicação ideal com os profissionais de saúde, por exemplo, gestos, desenho e escrita de acordo com seu nível de conhecimento.

Em uma consulta, faz-se necessário a implementação de ações educativas para melhor entendimento desse público, sendo assim o profissional de saúde deverá buscar meios para uma comunicação adequada e humanizada, e que garanta os direitos da gestante ao ser atendida no pré-natal. Desta forma permitindo a promoção da saúde do binômio mãe e filho e prevenindo complicações que podem estar presentes no processo de gestação.



De acordo com Aires (2019), sentimentos como a vergonha pode ser colocada em relação ao outro, como citado pelos profissionais de saúde, alguns têm o sentimento de vergonha em um possível atendimento à gestante deficiente auditiva. Com isso, alguns profissionais sentem medo, insegurança, dificuldade, frustração, tristeza e vergonha por não conseguir prestar um atendimento de qualidade. Essa realidade demonstra compromisso por parte dos profissionais, que sabem que falta algo para seu atendimento à gestante com deficiência auditiva, ser completo e eficaz e por isso referem sentimento de vergonha e frustração.

Torna-se fundamental que os profissionais estejam capacitados para esse atendimento, sendo eficiente e inclusivo para todos os deficientes auditivos, pois através da educação permanente em saúde é possível reverter lacunas nos conhecimentos, atitudes e práticas profissionais, permitindo a construção de competências para cuidar de pessoas com deficiência.

### 3.3 CATEGORIA 3: FALTA DE CAPACITAÇÃO PARA ATENDER UMA GESTANTE DEFICIENTE AUDITIVA

A educação permanente nos serviços de saúde pode minimizar dificuldades do dia a dia dos profissionais que atendem a comunidade, e faz-se necessária para atender as demandas como explicitadas nas falas abaixo, a falta de conhecimento, capacitação e prática relacionadas ao uso de LIBRAS durante a assistência às gestantes, quando necessário.

“É tentar acolher dentro da realidade minha e dela sem capacitação né? Porque eu não teria conhecimento técnico pra isso, mas eles nos auxiliam muito mais do que a gente” (ENF 6)

“Na verdade, não tem preparo, né? Ai não haveria qualidade justamente porque a gente não tem preparo, a gente não é orientado, a gente não sabe como fazer numa situação dela” (ACS 1)

“A gente não teve esse preparo aqui, então eu não entendo nada de libras vou ter uma dificuldade, porém vou tentar atender da melhor forma” (ACS 6)

“Eu não tenho nenhuma qualificação para poder fazer esse atendimento com uma paciente com deficiência auditiva. Ainda mais uma gestante aqui na unidade por não ter tido essa capacitação. A gente não teve a oportunidade de ter essa capacitação aqui dentro da unidade ou pela prefeitura, o que varia com que a gente agregasse mais valor ao nosso conhecimento” (ACS 9)

“(…) preparo 0, tentaria atender da melhor maneira, mas não tenho preparo” (TEC 3)

A Educação Permanente em Saúde (EPS), inserida pelo Ministério da Saúde como uma política de saúde no Brasil por meio das Portarias nº 198/2004 e nº 1.996/2007, tem como objetivo nortear a formação e a qualificação dos profissionais inseridos nos serviços públicos de saúde, com a finalidade de transformar as práticas profissionais e a própria organização do trabalho com base nas necessidades e dificuldades do sistema. (FERREIRA *et. al*, 2019).

No campo da saúde, a EPS é definida como um processo pedagógico que coloca o cotidiano do trabalho em saúde ou da formação em análise, partindo-se do pressuposto da aprendizagem significativa que propicia a reflexão pelos próprios profissionais de saúde da realidade vivida e dos



modelos de atenção em saúde em que estão inseridos, bem como dos problemas enfrentados. Compreende-se, dessa forma, que a EPS tem, no cenário das práticas, o processo de trabalho como objeto de transformação, partindo da reflexão crítica dos profissionais sobre o que está acontecendo no cotidiano dos serviços e buscando soluções em conjunto com a equipe para os problemas encontrados. (FERREIRA *et. al*, 2019).

Deste modo, podemos observar que muitos profissionais citaram que não possuem qualificação para esse atendimento, quando a instituição não proporciona aos profissionais uma qualificação, a mesma fica enraizada no modelo tradicional e com a não inclusão desses pacientes.

Assim, é necessário que processos educativos estejam inseridos no dia a dia dos profissionais, para que os serviços estejam preparados para prestar assistência de forma adequada aos diferentes públicos que necessitam de cuidado. Neste sentido, é importante pensar o trabalho em saúde como peça-chave para que tal processo se torne realidade no Sistema Único de Saúde (SUS), pois o trabalho em saúde é considerado um “trabalho vivo em ato”. Sendo assim, os instrumentos, o conhecimento e as relações são essenciais para que o processo de trabalho se efetive na produção de cuidado e na organização da assistência à saúde.

Posto isso, faz-se necessário a união da equipe e participação no contexto de Educação Permanente em Saúde, reuniões para discussão de ações educativas para um atendimento e inclusão desses pacientes. Muitos profissionais realizam o atendimento de forma não humanizada, onde abordam o paciente e não tem entendimento sobre a importância desse atendimento ser de qualidade.

Com a EPS podemos potencializar a vontade de adquirir novos conhecimentos. Durante as reuniões semanais da Atenção Primária em Saúde, pode-se abordar as dificuldades enfrentadas no atendimento à gestante deficiente auditiva, trazendo vivências e experiências para a construção coletiva e resolução das dificuldades enfrentadas pela equipe.

#### **4 CONCLUSÃO**

Este estudo descortinou a prática de profissionais de saúde ao lidar com gestantes com deficiência auditiva, e demonstrou fragilidades frente a esta prática.

Concluiu-se que os profissionais não se sentem preparados para lidar com esse público, se sentem impotentes e tristes frente ao cuidado com gestantes deficientes auditivas e não se sentem aptos para prestar uma assistência segura e de qualidade.

Aponta-se caminhos voltados a qualificação e educação permanente em saúde das equipes para enfrentar desafios ao atender grupos específicos e permitir a inclusão e o respeito aos direitos de todas as gestantes ao pré-natal de qualidade, com informações seguras e que levem a segurança da gestação, parto e pós-parto.



Este estudo guarda como limitações o número reduzido de participantes que tiveram efetivo contato e vivência com gestantes com deficiência auditiva e o cenário restrito a um distrito sanitário de um município do interior do estado do Rio de Janeiro, desta forma sugere-se novos estudos que ampliem a visão dos profissionais frente à assistência a este público a fim de proporcionar uma oportunidade de discussão e embasamento para práticas de enfermagem mais humanizadas e seguras.



## REFERÊNCIAS

AIRES, S. Uma cena para a perda: vergonha e melancolia. *Discurso*, [S. l.], v. 49, n. 1, p. 101-113, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discursos.2019.159287. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discursos/article/view/159287>. Acesso em: 8 ago. 2023

ALBUQUERQUE, Ana Karolina Rodrigues; GOMES SOBRINHO, Jennifer Lis. Dificuldades na comunicação com portadores de deficiência auditiva. UNICEPLAC, Brasília: UNICEPLAC, ed. 1, p. 1-11, 15 fev. 2019. Anual. Disponível em: [https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/75/1/Jennifer%20Sobrinho\\_0000200.pdf](https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/75/1/Jennifer%20Sobrinho_0000200.pdf). Acesso em: 8 ago. 2023

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Guia de Atenção à Saúde das Mulheres com Deficiência e Mobilidade Reduzida/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde*. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

FERREIRA, Dayana Roberta da Conceição et al. Assistência à gestante surda: barreiras de comunicação encontradas pela equipe de saúde. *Saúde em redes*, Pernambuco: Saúde em redes, ed. 2019, ano 2019, n. 3, p. 31-42, 17 set. 2019. Anual. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2234>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Ferreira, L., Barbosa, J. S. D. A., Esposti, C. D. D., & Cruz, M. M. D. (2019). Educação Permanente em Saúde na atenção primária: uma revisão integrativa da literatura. *Saúde em Debate*, 43, 223-239. Acesso em: 8 ago. 2023.

FONSECA, Maria Cristina da; CARVALHO, Josefina martins. Deficiência Auditiva. *Cadernos da TV escola*, Brasília: Cadernos da TV escola, ed. 2000, ano 2000, n. 2, p. 5-59, 30 jan. 2000. Anual. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/deficienciaauditiva.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FRANCISQUETI, V.; FERRAZ TESTON, E.; RAMOS COSTA, M. A.; SOARES DE SOUZA, V. Sentimentos da equipe de enfermagem ao atender um deficiente auditivo: desafios do cuidado. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 031-051, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9529>. Acesso em: 13 out. 2022.

LIMA, Rafaella Fernanda de Farias; LIMA, Rafaell de Farias. COMUNICAÇÃO COM O DEFICIENTE AUDITIVO: DIFICULDADES NA PRÁTICA DO PROFISSIONAL DA SAÚDE. IV jornada acadêmica do hospital universitário professor Alberto Antunes, maceió, ano 2019, p. 375-382, Anual. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/download/7929/5765>. Acesso em: 7 ago. 2023

NARCIZO, Beatriz Aparecida et al. COMUNICAÇÃO DE ENFERMEIROS COM DEFICIENTES AUDITIVOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. revista de iniciação científica da libertas, Minas Gerais, ano 2022, p. 14-32, 28 nov. 2022. Anual. Disponível em: <http://www.libertas.edu.br/revistas/index.php/riclibertas/article/view/143>. Acesso em: 7 ago. 2023

NASCIMENTO, Wagner Ferreira do. Desafio do Enfermeiro na Consulta à Gestante Surda: relato de experiência. *researchgate*, Mato Grosso: researchgate, ed. 2011, ano 2011, n. 13, p. 2-7, 30 jun. 2011. Anual. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Vagner-Ferreira-Do-Nascimento-2/publication/320555372\\_Nurse's\\_challenge\\_in\\_consulting\\_the\\_deaf\\_pregnant\\_woman\\_experience\\_report\\_Desafio\\_del\\_enfermero\\_en\\_la\\_consulta\\_a\\_la\\_gestante\\_sorda\\_relato\\_de\\_experiencia\\_Desafio](https://www.researchgate.net/profile/Vagner-Ferreira-Do-Nascimento-2/publication/320555372_Nurse's_challenge_in_consulting_the_deaf_pregnant_woman_experience_report_Desafio_del_enfermero_en_la_consulta_a_la_gestante_sorda_relato_de_experiencia_Desafio)



[\\_do\\_enfermeiro\\_na\\_consulta\\_a\\_gestante\\_su/links/5d2388b392851cf440726b0c/Nurses-challenge-in-consulting-the-deaf-pregnant-woman-experience-report-Desafio-del-enfermero-en-la-consulta-a-la-gestante-sorda-relato-de-experiencia-Desafio-do-enfermeiro-na-consulta-a-gestante-s.pdf](https://globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/9/13). Acesso em: 20 nov. 2022.

PEREIRA, Verônica Ferreira Rodrigues et al. Cuidado de enfermagem às pessoas com deficiência na Atenção Primária à Saúde. *Global academic nursing*, São Paulo, ano 2020, p. 1-8, 1 jan. 2020. Anual. Disponível em: <https://globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/9/13>. Acesso em: 7 ago. 2023

PINHEIRO, Guilherme Emanuel Weiss; AZAMBUJA, Marcelo Schenk de; BONAMIGO, Andrea Wander. Facilidades e dificuldades vivenciadas na Educação Permanente em Saúde, na Estratégia Saúde da Família. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro: Scielo, ano 2018, n. 4, p. 187-197, 30 dez. 2018. Anual. Disponível em: [scielosp.org/article/sdeb/2018.v42nspe4/187-197/](https://scielosp.org/article/sdeb/2018.v42nspe4/187-197/). Acesso em: 13 ago. 2023.

RAMOS, Aline Sharlon Maciel Batista et al. A assistência pré-natal prestada pelo enfermeiro sob a ótica das gestantes. *DIALNET, Revista Interdisciplinar: DIALNET*, ed. 2317, ano 2018, n. 2, p. 87-96, 30 jun. 2018. Mensal. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6763719>. Acesso em: 20 nov. 2022.

REIS MORENO, R. S. dos; SANTIAGO SILVA, N. C.; OLIVEIRA, V. S.; DA SILVA, J. G. Tecnologias assistivas na comunicação de pacientes com deficiência auditiva em serviços de saúde no Brasil / Assistive technologies in communicating patients with hearing disabilities in health services in Brazil. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 6, n. 8, p. 58079–58101, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n8-281. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/14988>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SILVA, Kátia Regina D.; CARDOSO, Wellen de Jesus L.; FERREIRA, Josenilson Neves. A COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE ÀS MULHERES SURDAS NO PRÉ-NATAL. *Repositório Faculdade Laboro, Brasília: Repositório Faculdade Laboro*, ed. 2019, ano 2019, n. 3, p. 1-7, Anual. Disponível em: <http://repositorio.laboro.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/323?mode=simple>. Acesso em: 20 nov. 2022.

VIEIRA, Camila Mugnai; CANIATO, Daniella Gimenez; YONEMOTU, Bianca Pereira Rodrigues. Comunicação e acessibilidade: percepções de pessoas com deficiência auditiva sobre seu atendimento nos serviços de saúde. *RECIIS, São Paulo: Fio Cruz*, ed. 2017, ano 2017, n. 2, p. 1-11, 29 jun. 2017. Mensal. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1139>. Acesso em: 20 nov. 2022.